

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA E DA REESCRITA DE TEXTOS CIENTÍFICOS (MEMORIAL, ENSAIO, RESENHA ETC.) PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Mateus Freire Santana Silva¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Monize da Silva Novaes²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Denise Aparecida Brito Barreto³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo ratifica a importância da escrita e da reescrita nos cursos de formação de professores, com o intuito de facilitar a produção de trabalhos científicos. Iniciamos o presente trabalho a partir de um memorial responsável por descrever duas aulas da disciplina Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa e, a partir dele, registramos os desafios e os problemas presentes no processo de escrita de produções acadêmicas. Para desenvolvermos o trabalho e alcançarmos os resultados, foi necessário recorrermos às teorias discutidas pelos linguistas Sírío Possenti, Luciano Amaral e Irandé Antunes. Dessa forma, com o intuito de mostrarmos como se materializaram os desafios que permeiam o processo da escrita, apoiamos-nos no gênero textual, intitulado memorial, a fim de demonstrarmos a importância da escrita e reescrita para a formação de professores.

Palavras-chave: Escrita. Memorial. Reescrita.

Introdução

Para a construção deste artigo, utilizamos uma pesquisa qualitativa que, segundo Neves (1996), diferentemente da pesquisa quantitativa, não trabalha com estatísticas, mas

¹ Graduando do quarto semestre do curso de licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Vitória da Conquista - Brasil; Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: teus_freire@yahoo.com

² Graduanda do quarto semestre do curso de licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Vitória da Conquista - Brasil. Faz parte do grupo de pesquisa "Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/Uesb/CNPq) e desenvolve o subprojeto "A polêmica em torno da prisão de Lula: uma análise discursiva", sob orientação da Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva. Bolsista do CNPq na modalidade Iniciação Científica. E-mail: monizenovaes30@gmail.com

³ Pós-doutora em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação em Coimbra. Professora pleno do DELL/PPGED/Uesb - Vitória da Conquista. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação - GPLEd/CNPQ/Uesb. Professora da disciplina Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa. E-mail: deniseabrito@gmail.com

com dados que descrevem o ambiente social e o contato direto do pesquisador com o seu objeto de estudo. Além disso, este artigo se insere nos estudos de base etnográfica que, definido por Watson-Gegeo, “[...] caracteriza-se pelo estudo do comportamento das pessoas em um determinado contexto de interação social, com foco na interpretação cultural desse comportamento” (WATSON-GECEO, 1988 apud REES; MELLO, 2011, p. 32)

Com base nisso, propomo-nos a discutir, inicialmente, a realidade de uma sala de aula do quarto semestre do curso de Letras de uma universidade do interior da Bahia, buscando, em seguida, expor as causas que poderiam ter gerado alguns problemas descritos e vividos pela turma.

Fundamentação teórica

Grande parte dos universitários enfrenta problemas e desafios relacionados à escrita de textos acadêmicos, e muitos deles temem escrever tais gêneros textuais mesmo depois de concluírem o curso superior. O grande problema aqui exposto é o fato da maioria dos alunos pensarem que escrever é uma tarefa fácil. Segundo Amaral (2010), a escrita é um processo que necessita tanto de conhecimentos linguísticos quanto enciclopédicos e textuais, pois, a tarefa de escrever se torna muito mais árdua e, às vezes, até impossível sem esses conhecimentos.

Visto, ainda, que a falta de leitura é um dos maiores empecilhos para o bom desenvolvimento da escrita, consideramos, também, para este artigo, a importância da leitura, postulada por Irandé Antunes. De acordo com a linguista:

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não. (ANTUNES, 2003, p.70)

Considerando, também, que “[...] para chegar a um texto pronto, o aluno precisa passar por um processo de escrita que é composto de etapas” (AMARAL, 2010, p.126), é importante dizer que o “[...] ato de escrever não é um ato linear e não ocorre de imediato”. (AMARAL, 2010, p.127). Portanto:

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita. (ANTUNES, 2003, p.54)

É importante ressaltar, destarte, que a leitura é um fator indispensável no processo de ensino-aprendizagem, pois, além de possibilitar o aprimoramento da escrita, contribui, também, para o desenvolvimento social e intelectual do aluno. Com base nisso, é significativo compreendermos que a leitura e a escrita podem “[...] favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 24), fato que só confirma o que disse Possenti (1996, p. 20), ao ressaltar que “[...] seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula”.

Tendo, por base, os pressupostos teórico-metodológicos adotados pelos autores citados acima, pretendemos, então, analisar o trabalho intitulado memorial, o qual foi escrito pelos discentes do IV semestre de Letras, buscando identificar os principais problemas e desafios enfrentados nas academias de ensino.

Metodologia

Com o objetivo de compreender os problemas e desafios enfrentados pelos alunos em torno da escrita, apoiamo-nos em textos que discutem os aspectos relacionados ao referido tema, tendo como base a Linguística Textual. Para este artigo, utilizamos o gênero textual intitulado memorial produzido pelos alunos do quarto semestre de um curso de Letras. Com base nessas considerações, recorremo-nos ao conceito de escrita postulado por Luciano Amaral (2010) em seu livro “Coisas que Todo Professor de Português Precisa Saber”, a respeito de algumas concepções empregadas pela linguista Irandé Antunes (2003) acerca da leitura e da escrita em seu livro “Aula de Português: encontro e interação” e, também, alguns excertos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Livro “Por que (não) ensinar gramática na escola” de Sírio Possenti (1996).

É importante ratificarmos que, neste artigo, não identificaremos os verdadeiros nomes dos discentes por motivos éticos e por não haver necessidade de expor os envolvidos, visto que os resultados apresentados serão considerações gerais acerca da prática de escrita e suas dificuldades no ambiente acadêmico.

O Memorial e a Sala de Aula

Um problema crescente no que consiste à produção textual, em outras palavras, significa que “[...] vários estudantes ingressam na universidade e chegam ao último ano do curso sem dominar determinados gêneros textuais comumente encontrados no meio acadêmico, como o artigo, o ensaio e o projeto de pesquisa” (AMARAL, 2010, p. 115). Tendo consciência disso, buscamos analisar como se desenvolve o processo de escrita dentro do meio acadêmico, assim como, desafios enfrentados pelos alunos nesse contexto.

Em seu livro, Luciano Amaral (2010) diferencia duas concepções de escrita: a primeira delas se trata da escrita enquanto produto e a outra, por sua vez, enquanto processo. Os professores que a percebem como um produto buscam um trabalho pronto e perfeito, em oposição àqueles que a enxergam como um processo, intermediado por erros e muitos rascunhos. Eis aqui o primeiro problema relacionado à dificuldade dos alunos de produzirem textos: muitos professores do ensino médio cobram dos alunos um texto de 15 a 20 linhas sobre um tema qualquer e não lhes fornece base alguma para ler e refletir sobre o que devem escrever, culminando nas péssimas produções textuais, evidenciadas em muitas aulas.

Durante esta pesquisa, realizada em uma universidade do interior da Bahia, foi solicitado, à turma do quarto semestre de um curso de Letras Modernas, a escrita de um memorial que relatasse, com detalhes, as aulas da disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Os alunos deveriam, depois de concluído o trabalho, compartilhá-lo com seus colegas e a docente.

Relataremos alguns dados dessa pesquisa de campo e as discussões fomentadas durante a aula, apontando, no processo, a importância do gênero memorial. Como dito antes, optamos por omitir os nomes dos sujeitos e, portanto, os substituímos por nomes fictícios.

João começa a ler e descreve com detalhes o memorial da equipe anterior que fez do seu memorial uma espécie de gramática ao computar as aulas

anteriores. A turma se diverte ao ver como o memorial atual descrevia suas falas e relata cada passo da correção que o memorial anterior descrevera.

Neste trecho, é possível notar que os alunos da equipe anterior descreveram detalhadamente a aula de correção do exercício no seu memorial, de modo que esse trabalho foi muito útil para a compreensão de algumas regras da gramática normativa. O memorial se mostra, então, de grande valia para auxiliar os alunos a revisar o conteúdo enquanto leem ou escrevem o trabalho.

O aluno afirma que escrever o memorial não foi uma tarefa fácil, mas conclui que o trabalho foi em si prazeroso. Era necessário escutar as gravações várias vezes, selecionar os dados mais relevantes, pensar em como registrar o que se ouvia e revisar o texto a todo momento até chegar ao produto final. O memorial foi escrito e revisado várias vezes.

Acompanhamos de perto essa tarefa e verificamos, a partir do relato da turma, que o memorial foi um trabalho dispendioso e demorado, visto que os alunos tinham de (re)ler e (re)escrever muitas vezes, sendo necessárias, portanto, muitas horas de esforço e trabalho duro para que a tarefa fosse concluída. Um dos discentes responsáveis pelo memorial afirmou que foram necessárias, em média, 8 horas para escrever o que lhe coube do trabalho, fora o tempo gasto na sua revisão.

O memorial, no entanto, mostrou-se um trabalho produtivo, visto despertar nos alunos a necessidade do exercício da escrita e o quanto tal atividade pode ser prazerosa. Um integrante de um dos grupos afirmou que estava receoso de escrever um trabalho como o memorial, mas que se surpreendeu com o resultado e com a quantidade de páginas escritas no produto final. A professora Cristina revela que a construção do memorial é semelhante à escrita de trabalhos científicos, como uma dissertação ou uma tese, nos quais os alunos devem utilizar uma linguagem padrão e uma descrição minuciosa dos dados de sua pesquisa.

A docente diz que sempre trabalha Gramática Tradicional dentro da sala de aula e que incentiva o aluno a escrever e, mais importante ainda, pensar antes de escrever. O memorial ajuda os alunos a reconhecer que a escrita não é algo simples e, de acordo com a professora, cada produção textual é única, visto que cada grupo se expressa diferente por meio da língua escrita.

Os discentes afirmam que a versão bruta se difere bastante da versão final, uma vez que houve um refinado processo de revisão envolvido no trabalho e, como disse Maria, cada um se revezou para corrigir a parte do outro. A princípio, os discentes estavam receosos em escrever um trabalho de até dez páginas, mas acabaram se surpreendendo quando o memorial deles ultrapassou a meta estipulada pela docente.

O trabalho também se mostrou importante ao propiciar a interação entre os discentes durante a correção e a produção da tarefa, uma vez que cada um corrigia a parte do colega e se revezava em ajuda mútua.

A professora, logo depois, devolveu o memorial para os discentes para que eles vissem os apontamentos por ela destacados e descrevessem, eles próprios, os erros que cometeram segundo a Gramática Tradicional. Os alunos aprenderam, assim, sobre normas gramaticais, coesão e coerência e outros elementos indispensáveis para a escrita de um bom texto. Segundo Amaral (2010), a professora corrobora com o pensamento da escrita enquanto processo, visto que a profissional busca “[...]ajudar os estudantes a tomarem consciência do que estão fazendo adequadamente e do que precisam melhorar” (AMARAL, 2010, p. 166)

Cristina volta a dizer que exercícios como o memorial são importantes para o amadurecimento dos discentes, uma vez que muitos alunos de Mestrado e Doutorado não conseguem desenvolver um texto científico. Para embasar os seus argumentos, a professora afirma que sofre com as suas orientandas de Mestrado que não conseguem escrever um texto acadêmico, por mais que ela se esforce, uma vez que as meninas não têm leitura para isso.

A docente foi sincera ao afirmar que suas alunas, tais como muitos outros, iludem-se quanto ao Mestrado e não entendem que é necessário muito mais do que passar na prova e na entrevista para ser aprovado. Os professores, como bem disse Cristina, irão pedir que esses mestrandos vão além e muitos deles não são maduros o suficiente em leitura e em escrita para atingir os objetivos dos orientadores a tempo, gerando assim a decadência evidenciada em alguns programas de graduação *scrito sensu*.

A fala da docente chama a atenção para a importância da leitura para a construção de textos. Segundo Luciano Amaral, não cabe ao autor de um texto apenas conhecimentos linguísticos, mas também conhecimentos enciclopédicos e textuais, sendo que estes correspondem aos conhecimentos de mundo e aqueles aos diferentes Gêneros Textuais. Assim, por exemplo, um aluno que se dispõe a escrever sobre a diminuição da maioria

penal deve não somente escrever bem, mas também ler textos que versem sobre o tema escolhido e somar essas leituras às leituras de mundo que ele próprio carrega, decidindo, por fim, o gênero textual que ele deseja escrever (resenha, resumo, artigo etc.)

Todos esses conhecimentos são importantes para que um texto ganhe forma e agrade ao público-alvo, tendo em vista que nenhuma pessoa aprovará um texto cheio de erros de português de um autor desinformado. Assim, escrever um texto “[...] supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita” (ANTUNES, 2003, p. 54)

Um trabalho como o memorial deixa claro que escrever não é algo simples como antes se pensava, sendo necessários muitos conhecimentos por parte de quem escreve para que o texto seja bem estruturado. O gênero memorial produzido no meio acadêmico pode contribuir para a redução de problemas de muitos universitários em relação à escrita de textos formais, pois os alunos teriam a oportunidade de expor as suas experiências e conhecimentos no trabalho e ainda aprender com os seus erros de gramática.

Felice (2013) cita Machado (1998) ao apontar a importância do gênero diário na sala de aula de ESL e como este pode auxiliar os alunos a expor as suas experiências pessoais e superar as suas dificuldades, desenvolvendo maior confiança e responsabilidade e produzindo discussões muito mais críticas dentro do espaço escolar. Logo, os tais diários reflexivos “[...] desenvolvem o raciocínio e a argumentação, sendo muito eficientes para a aprendizagem da língua escrita” (FELICE, 2013, p. 123)

Para Felice, trabalhos como o diário reflexivo podem permitir um contato maior entre aluno e professor dentro da sala de aula, sendo este extremamente necessário para propiciar o desenvolvimento do pensamento crítico que leve o aluno a se preocupar mais em pensar do que em ser avaliado.

Retomando o caso das alunas de Cristina, é compreensível a frustração da professora, visto que as alunas dificilmente escreverão projetos de Mestrado de excelência sem terem lido muitos teóricos que abordam o tema que elas decidirem estudar. Vejamos outro trecho do memorial:

Adiante, a professora retoma a discussão acerca dos PCN, os quais afirmam que o aprendizado da língua ultrapassa as estruturas gramaticais. Assim sendo, Cristina retoma o pensamento exposto por Maria e ratifica que o

ensino de qualquer língua não deve ser voltado unicamente para a gramática, pois isso gera uma aula monótona e uma pouca produtividade por parte dos alunos.

A professora evidencia um problema presente em muitas aulas de Língua Portuguesa, visto que o ensino das normas gramaticais ganha prioridade dentro da sala de aula, em detrimento da leitura e da prática da escrita. Os professores tendem a reproduzir a definição de ensino que enxerga os alunos como sujeitos passivos que recebem o conhecimento de maneira uniforme e integral. Porém, na prática, os alunos aprendem de maneira individual e necessitam de um professor que saiba adaptar constantemente o seu método de ensino, de modo a evitar as aulas monótonas e pouco produtivas às quais a docente se refere. Logo, é preciso muito mais do que ensinar Gramática nas aulas, pois:

“[...] não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.” (BRASIL, 1998, p. 23)

Tendo em vista o que afirma os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental para o III e IV ciclos, o texto é a base para o aprendizado de português e, conseqüentemente, (re)ler e (re)escrever textos devem ser o principal objetivo das aulas de Língua Portuguesa. Logo, a deficiência de leitura dos alunos de mestrado vem, provavelmente, desde a escola, já que a maioria dos professores ensina mecanicamente a Gramática Normativa. Como afirma Antunes (2003):

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não. (ANTUNES, 2003, p. 70)

As escolas, de um modo geral, ensinam a Gramática Normativa de forma estanque e não trabalham o conteúdo de uma maneira crítica e que possibilite aos alunos crescerem e

criarem interesse pelo conteúdo. Devido a isso, muitos alunos acabam não entendendo o propósito de aprender tantos conteúdos em sala de aula porque não compreendem a sua aplicação prática.

A leitura é, de forma geral, pouco aproveitada na sala de aula quando os alunos poderiam aprender muito através dela. Tomemos por exemplo o ensino de verbos. Os alunos acabam não compreendendo porque eles precisam aprender a conjugar verbos no pretérito mais-que-perfeito porque este tempo verbal tornou-se menos frequente na fala e até na escrita e, assim, é cada vez mais difícil entender a sua função dentro da frase. Se os docentes, ao invés de cobrarem dos discentes várias folhas com verbos conjugados, também mostrassem a aplicação desses tempos verbais dentro do texto ou até na oralidade, os alunos talvez não tivessem tanto medo de conjugação de verbos.

Segundo Possenti (1996), é importantíssimo que os alunos sejam capazes de ler e de escrever qualquer texto sem nenhum tipo de trauma, visto que estas “[...] não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude de vida, mas atividades essenciais ao ensino de língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula” (POSSENTI, 1996, p. 20)

Tendo isso em vista, o memorial também pode contribuir para que os alunos entendam a aplicação das regras gramaticais dentro do texto escrito por eles mesmos, corroborando a proposta da Linguística Textual que envolve uma metodologia de ensino epilinguística, tornando o texto o elemento norteador das aulas de Língua Portuguesa. Assim, os professores ajudam os alunos a aperfeiçoarem o seu conhecimento das regras gramaticais, bem como da leitura, da interpretação e da escrita de produções textuais.

Considerações Finais

A escrita é um quesito fundamental para a formação de professores, pois é por meio dela que os alunos poderão crescer e se desenvolver enquanto sujeitos críticos e capazes de lidar com os desafios presentes na sua futura profissão. A universidade é, cada vez mais, um ambiente que exige do aluno o bem escrever e, por conseguinte, o exercício da escrita deve ser estimulado, uma vez que ela “[...] abre as portas para ser o caminho de contribuição com a solução de esclarecimentos individuais e coletivos e como suporte para a inclusão histórico-social no mundo investigativo.” (BIANCHETTI, 2008, p. 262)

Como tentativa de diminuir esse problema, o gênero memorial contribui para a formação dos alunos dos cursos de licenciatura, na medida em que permite, aos futuros professores, escreverem melhor e aperfeiçoarem os seus conhecimentos de gramática, tendo, como base, a Linguística Textual. Ao considerar essa proposta de ensino, os alunos terão acesso a conhecimentos que não se limitam às estruturas gramaticais, a saber: coesão e coerência; intencionalidade; aceitabilidade; situacionalidade; e intertextualidade, que contribuirão para que os alunos adquiram habilidades consideráveis na escrita. A partir de tais aspectos, os futuros profissionais serão mais conscientes da importância da leitura e da escrita - e reescrita - no ensino de Língua Portuguesa e terão mais propriedade para trabalhar com textos na sala de aula, bem como, ensinar aos seus futuros alunos que a escrita é um processo que exige muita leitura de qualidade e o domínio dos elementos textuais.

Diante de toda a discussão apresentada, compreendemos que essas práticas são extremamente relevantes no contexto acadêmico, uma vez que estas auxiliam na formação de profissionais ainda mais qualificados, que entendam a importância do texto nas aulas de Português e do desenvolvimento de indivíduos conscientes e capazes de tomar decisões, como aconselham os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BIANCHETTI, L., et al. (org.). **A Trama do Conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2008.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Português. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FELICE, M. I. V. Um currículo visando à formação do professor de línguas em diferentes contextos. In: Paula Tatiane Carréra Szundi; Leila Barbara (org.). Maria Antonieta Alba Celani e a Linguística Aplicada: Professores-multiplicadores em (inter)ações. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, v. 17, p. 109-132.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º Sem./1996. p. 1-2.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. Porque (Não) ensinar gramática na escola? Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.

REES, D. K.; MELLO, H. A. B. **A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira.** Cadernos do IL (UFRGS), v. 42, p. 30-50, 2011.